N.º 51 (173) — 4.º ANNO

Terça-feira, 31 de Outubro de 1911

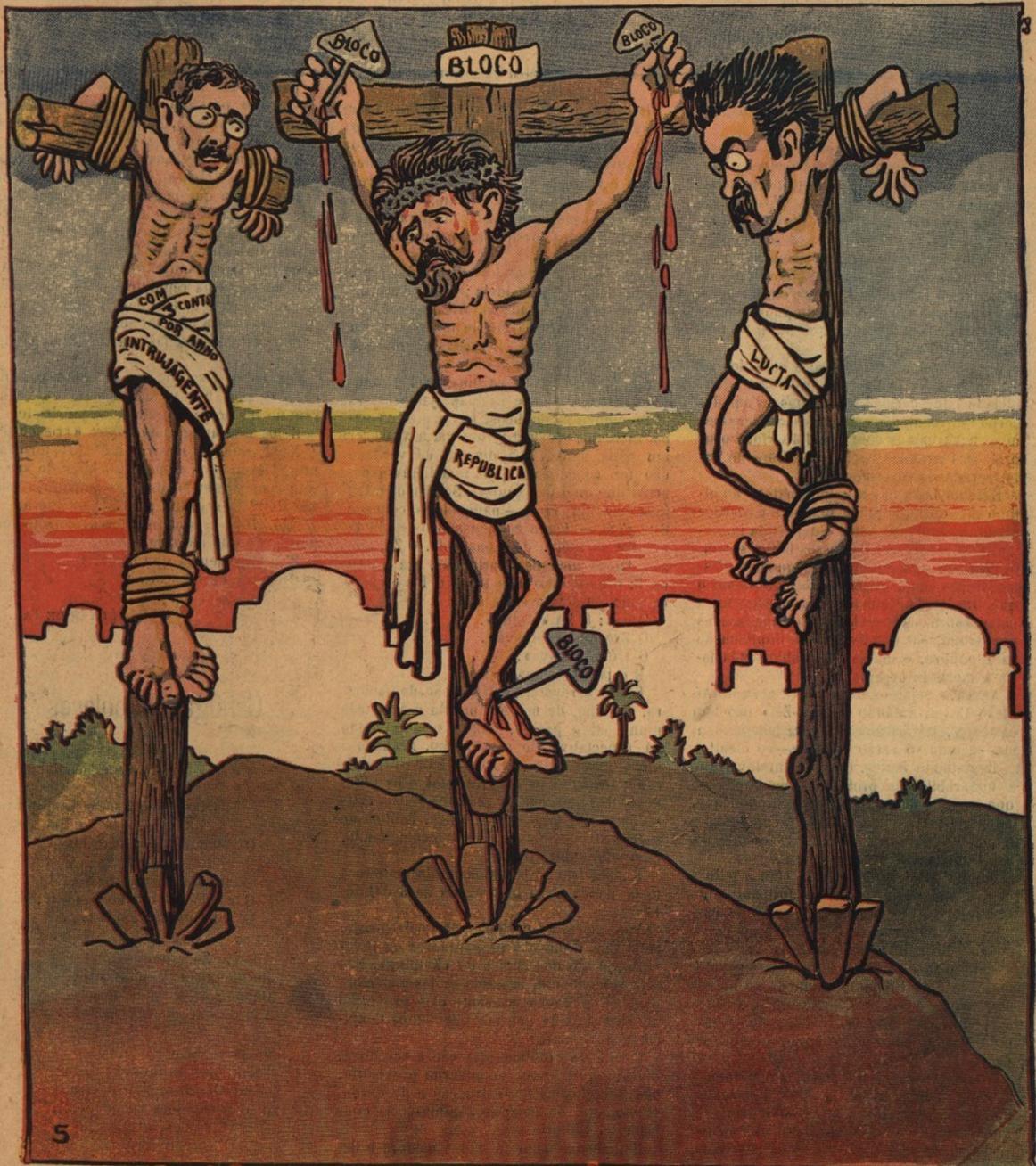
PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
88, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

Martyr!

Mas quem o mandou a você metter-se no meio d'essa gente?

O Congresso Republicano

«O Zé,» começando por saudar o congresso do historico partido republicano, que n'uma luta coruscante soube de arma na mão conquistar a emancipação da sua patria, julga dever imprescindivel dizer tambem da sua opinião, da qual não abdica, porque sem desprimor seja para quem for, ufana-se tambem de ter logar ao lado dos que lutaram a despeito de todas as vicissitudes pela implatação da republica que hoje é o regimen vigente.

Não teem os nossos queridos leitores, uma larga reportagem nas columnas do «Zé» porque essa missão está e brilhantemente desempenhada pelos nossos collegas diarios.

E' um pequeno esboço impressionante do que foi a magna assembleia onde, bem elequentemente se viu como o ideal triumpha e nada o fará retroceder da marcha gloriosa que encetou na memoravel manhã de 5 de outubro de 1910.

Dois pontos apenas queremos aqui registar, e elles, são o tudo que define o que foi a obra dos que trabalharam pela patria e os que devem de futuro fazer d'este povo tão amesquinhado, um povo digno, grande e respeitado.

Pondo de parte pequenissimos nadas, passaremos a dizer da obra do directorio que, teve a honra de desfazer em farrapos a vergonhosa rasão que se impunha como existencia d'um regimen que inutil se nos torna classificar já!

Eram do dominio publico e entoados ás mezas do café, factos que provavam a inutilidade de certos arranjistas n'aquelle corpo dirigente; e embora os conhecessemos, aguardamos com aquella virtude propria dos grandes espiritos, a hora de em letra redonda dizermos:

Euzebio Leão foi, a «alma mater» do ultimo directorio, e quem manteve um ardor digno de applauso antes e depois da implatação da republica! Os nossos leitores, comprehendem sem duvida, a eloquencia d'estas linhas que, dizem bem claramente o que rasões d'ordem especial nos forçam a calar sobre os serviços (sic) apregoados por habilidosos que tiveram na implantação da republica, o manjar de ambicionada fatia á meza do orçamento.

Agora, vejamos o que foi a obra de Affonso Costa, notando que o «Zé,» não tem cotteries, tem provado a sua independencia—a uma só razão obedece—ao ideal!

Registando factos, cumpre um dever que a honorabilidade profissional lhe impõe—o que se passou no congresso provou que, Affonso Costa, é sem duvida o homem com requsitos para um estadista, qualidades bemi pouco vulgares na nossa terra.

Affonso Costa, demonstrou com a leitura do seu relatorio e apoz o seu brilhantissimo discurso quanto procurou a união do partido, e ninguem, se ficeles elle continha, ousou desmentir portanto, já mais lhes assiste o direito de se apresentarem victimas de odios! Sejamos homens ao menos uma vez, e penitenceie-se quem errou e acabemos com esta vergonhosa e aviltante politica de odios e de ambição—quando não!?

Vamos terminar por hoje, lamentando a attitude grosseira do cidadão Innocencio Camacho, lembrando lhe que o partido republicano, nada necessita de s. ex.ª e que recebendo-o na ultima phase da sua lucta, lhe devia merecer respeito e muita consideração porque, luctadores ha com relevantes serviços e com talento, e até hoje, nada exijiram da succulenta fatia que por S. ex.ª foi distribuida e porque? A' hora a que o nosso jornal entra na machina está reunido ainda o congresso para dizer a sua ultima palavra sobre a futura organisação do velho e historico partido republicano.

A redacção do «Zé», fazendo votos pelos auspicios futuros da republica portugueza, d'aqui envia a todos os illustres congressistas, a sua saudação e applausos pela sua nobre e altiva attitude ante a marcha dos trabalhos do congresso.

Viva a Republica portuguza!
Urrah pelos congressistas!

Carta a Sun-Yat-Sen por alcunha Seng-Weng.

Meu caro Sun-Yat-Sen.

Ha dias que os jornaes teem falado na vossa grandiosa ideia de papar em vez de arrôz, mandchùs. O certo, é que o caso tem obrigado o mundo civilisado e a Alemanha e Italia, a lançarem os seus olhares lá para os confins do Oriente, d'onde só conhecem o chá que lhes vem para tomarem em grandes, porque em pequenos dão-lh'o a familia.

Permita me que algumas objeções faça, no entanto, á vossa ideia; e deixe-me dizer lhe que o que me autorisa a erguer a vós para vós é o facto de ter assistido a uma revolução cujas passadas aquela que preparasteis segue atualmente.

Em Portugal havia na dinastia dos mandchùs-bragancianos os pápa jantares, os pápa dinheiros publicos, havia mesmo pápa meninos, chegando um dia a aparecer um pápa arróz, que diga se de verdade não fez concorrencia aos mandchùs pápaarrôs que quereis expulsar. Se o meu amigo imaginar um rapa — não sei se conhece este jôgo — aí tem condensado o estado da politica no tempo da monarquia. O Zé, que são lá os mongóes oprimidos, era a face do P; o exercito o D; o trôno o T e o clericalismo ou seja a côrte o R.

Isto é: O Zé «punha».
O Exercito «deixava».
O trôno «tirava».
E o jazuita «rapáva».

Fez-se a revolução. Mudou-se de bandeira, de íno, de nome á policia e á guarda municipal e pronto. Continuamos vivendo na espectativa do rotativismo. Acabado o blóco monarquico, surge o blóco republicano; acabados os progressistas e os regeneradores surgem os radicaes e os ...irradicaes. Processos os mesmos. Politica de soalheiro, senhoras visinhas bisbilhotando, querendo subir, trepar.

E para isto se levantou muito padeiro á meia noite... na madrugada de 5 d'Outubro.

Vou agora, aconselhal-o particularmente, visto que é um dos preparadores da revolução, e um dos chefes do «Kaming». Não seja benevolente, acautele se das más companhias e tenha presente este proverbio de «Kun-fu-tsâ» que nós chamamos Confucius:

Escuta tua mulher mas não a acredites.

Não entre para o governo provisorio, não decrete leis de instrucção e de desenvolvimento do paiz; se alguma coisa quer fazer... ludibrie.

Embebedai com a vossa palavra e decretai apenas fogo... de vistas.

Porque, se o meu amigo, cae na asneira de ser bom e sincero verá os thalassas-mandchus a paparem-lhe o arroz na cabeça e a fazerem ninho consigo. Seja inflexivel, aliáz aqueles que hoje combatem consigo chamar-lhe-hão «mandchu» tambem, e pretenderão matal-o. Alguma populariedade isto novamente lhe trará porque todos depois acham o acto indigno; até os proprios que o fizeram.

A China precisava de uma revolução; eu sei.

O povo chinez via-se grego; o exercito era roupa de francezes, os inumeros principes apanhavam cada turca... de benzar; as chinezas estavam com os inglezes em todas as opiniões e o imperador a deixar o imperio chegar a Japão... e laranjas da China. Mas... o meu amigo é que não imagina os perigos d'uma revolução depois d'ela triunfante, A sua luta tenaz, a sua fortuna esbanjada a sua saude tudo se esquecerá n'um momento de rebelião em favor de algum seu companheiro de luta, talvez Li-Yung Cheng general, ou o que é mais plausivel, de Tang Huan-Ling vice rei revolucionario!!!

E então o meu amigo verá o «Kaming», o partido revolucionario que foi incontestavelmente pela sua união quem fez a Republica, desunir-se, entregando se os seus membros á politica pessoal.

E emquanto se anavalham pelas esquinas vós os chefes que deveriam dar o exemplo para que o paiz tivesse força moral, os vossos humildes chinas, sem pretensões, soldados do povo, irão cumprindo altivas missões, tanto fazendo prender os «mandchus» conspiradores que se refugiarão ao norte da republica, como salvando do meio das catastrofes a bandeira da Patria prestes a afundar-se.

Não vale a pena fazer a republica, meu amigo.

Correr o risco de lhe cortarem o rabicho, e por fim os homens recompensarem no mediocre e pulhamente, é triste.

E o meu amigo não queira arriscar se.

Nada que são capazes até de o torturarem, fazendo o comer 20 kilos de arroz sem consentirem o uso dos pausinhos que sua Ex.ma Esposa lhe porá... na mesa.

Não. Deixe seguir o infernal celeste imperio, até que ele caia por si.

E' a experiencia que o diz.

Creia me ás suas ordens

FULA NODE TAL.

Cantigas populares

Para as meninas politicas cantarem ao piano.

(Musica o que fôr mais adaptavel)

Os bloquistas do Camacho
Pum!
Teem um furo no balão,
Que lhes fez o Affonso Costa,
Co'a lei da Separação!...

Antonio Zé é mordomo
Do bloquismo athalassado;
Qando vae fallar ás massas,
Vae de barrete encarnado!...

Eu já vi dançar o vira,
Pelas ruas do Chiado;
Quem dança melhor o vira
E' o Bernardino Machado!...
O' vira, o' vira,
O' vira, virar,
A dançar o vira
E a cumprimentar!...

O HOMEM E O ESTADISTA

Como se não bastassem os innumeros incidentes que nos ultimos dias tanto teem agitado a vida politica do paiz, e que tantas locubrações de espirito nos teem custado, veio o acto selvagem praticado ha dias, no Rocio, á passagem por ali, d'uma das mais personificadas individualidades de prestigio e valor moral da republica portugueza.

Com aquella serenidade, que deve ser o apanagio para todos os grandes males de que ainda infelizmente enferma a familia portugueza, na sua grande parte pouco habituada aos grandes lances da vida, pouco letrada, educada no convivio do café, na idolatria que a traz obcecada e incoherente, temos dia a dia, analysado em todos os seus detalhes, ainda os mais minuciosos, o facto passado á porta do café onde, a imbecilidade abanca a fazer e desfazer reputações com aquella sciencia e consciencia que lhe traz a cultivação de tão instrutivo convivio. D'essa analyse sem paixões, colhemos um farto corolario de mizerias, que outra cousa não encerra em si a selvageria praticada por esses «meneurs» que, na sua grande parte parasitas, inutilidades incapazes do menor acto digno, levam a vida acamaradando com o mysterio!—ninguem que se prese, nos será capaz de dizer quem são esses mendigos da dignidade e do brio que todo o homem é crédor á sociedade que, ousaram não sujar o cidadão brioso, o homem impoluto, o caracter diamantino que tanto enobrece esta sociedade tão empoprecida de homens de bem e que está acima das intenções canibalescas d'estes Nicodémes que apenas sujaram a sociedade que uma benevolencia tolera e uma compaixão bem digna de dó os traz pescando a vidinha bem escura e lamacenta! Bem tristes são estas conclusões, mas realmente bem mais verdadeiras. São aos centos, as versões lançadas á poeira do noticiarismo, e a darlhes crédito, só temos a concluir de quanta incoherencia, quanto sectarismo e porque não dizel-o—quanta bandalheira passeia de braço dado com a hypocrisia de camaradagem com esta sociedade onde a gente de senso, de valor e de brio, se aborrece de viver.

Bem sabemos que «in partibus», tambem o sr. dr. Almeida tem grandes e graves culpas na desorientação que se apoderou da massa popular; elle mais que ninguem a semeou e quem melhor que o dr. Almeida, que disfrutou o proeminente logar de idolo querido das multidões, e que tantissimas vezes se viu blindado ao fulcro supremo da magia do delirio e da acclamação popular, poderia ainda hoje mantel-o intacto, virgem e seguro na alma heroica e grande d'este povo capaz de todos os sacrificios e de todas as abnegações!? não quiz, esqueceu o homem bondoso, sentimental, aquelle dr. Almeida de S. Thomé para dar logar ao ministro, ao politico que foi tomar conhecimento das agruras do povo que ainda hontem o idolatrava, sentado na sua confortavel poltrona e debruçado sobre a secretária, onde a rasão de Estado, é o crocodilo insaciavel e devorador da voz da justiça; e os fios telephonicos, a barreira inimiga da rasão e da verdade!—Substituiu os rudes mas sinceros carinhos do povo, pela idolatria hypocrita dos que pretendiam benesses, dos que sendo maus cidadãos, pessimos funccionarios nunca podiam ser melhores amigos do ministro que, para elles foi uma insaciavel cornucopia recheiada de graças. O ser propagandista, não quer dizer que possa ser um estadista; bem difficil, é poder possuir os mil requisitos que necessarios se tornam, aos que abraçam a difficilima sciencia de governar os povos. Ora, o fogoso Mirabeau da tribuna popular, que hontem de cabelleira ao vento levava a multidão enebriada pela erudição da sua palavra até á guilhotina se tanto fosse necessario, nunca podia ser um soffrivel estadista!

A sua gigantesca obra de demolidor, essa obra que só os vindouros e a historia imortalisarão, terminou na manhã de 5 de outubro, para abrir as portas do abysmo ao grande tribuno que, trocando a gloria da idolatria que lhe tributava o paiz que é bem mais alguma cousa que uma entourage—por uma pasta de ministro, preferiu a escadaria da mentira, as saudações dos pedintes, o servilismo dos amigos do diabo—ás aclamações vibrantes do povo das aldeias do Minho e do Douro, onde até hoje, nunca entrou a luz da democracia! Como é fragil o barro humano!

(Continua)

ARIEJNARAL

FIQUEM SABENDO

A proposito da ida ao Centro dr. Antonio José d'Almeida, do illustre homem de lettras dr. Agostinho Fortes, quando ali se realisou a sessão de protesto ao selvatico attentado de que foi victima o sr. dr. Almeida, vinha ha dias, um constante leitor que por signal cheira a «caldo requentado» que tresanda, no conceituadíssimo jornal «O Mundo», com uma epistola um tanto ou quanto agreste para o illustre professor.

De duas uma: ou o constante leitor não sabe ler, ou então é, como tantos outros, um velhaco. O sr. Fortes, lamentando o acto praticado, declarou, não concordar com a orientação politica do sr. dr. Almeida.

Está com effeito na Faculdade de Lettras, mas saiba o o **intelligente** e constante leitor do orgão da rua de S. Roque, que o seu logar, ganhou o apoz um brilhante concurso, cuja these, se subordina ao titulo «O Hellenismo», então muito apreciada pela imprensa de todos os matizes. O que lhe deu a Republica, dar-lh'o hia tambem a monarchia; e para ficar melhor informado, saiba que o sr. dr. Almeida, pretendeu nomear para a vaga de Consiglieri Pedroso o sr. dr. Alves dos Santos, ao que, o corpo docente e alumnos se oppozeram.

Quanto, á parte do socialismo a que tambem se refere o constante leitor (?) prova além da sua ignorancia crassa que tambem faz parte d'essa grande legião de «va nu-pieds» que teem o prazer de puxar á carroça do capitalismo.

São d'estes e semelhantes constantes leitores, que as redacções por dignidade propria se deviam livrar.

Uma nação—diz o sr. João de Menezes—precisa de derigentes com ideias e o Povo com um ideal.

Talvez por causa de tantas ideias e ideais é que isto é uma nação de ideotas!

Vejam lá!

Foi preciso a maçonaria entrevir para os jornaes republicanos acalmarem um pouco os animos.

As regateiras estavam desenfreadas!

PICUINHAS POLITICAS

Não acaba o soalheiro. Quem tem as responsabilidades na scisão do partido? E's tu! Não sou tal, és tu!

E enchem d'esta maneira as suas columnas as gazetas bloquistas, affonsistas... e trocistas. A scisão está feita. O partido historico dividiu-se (tem graça, só muito tempo depois de ser partido e que se partiu) em duas grandes correntes de opinião. E' fertil a pretensão de se averiguar responsabilidades, tanto mais que a divisão, em campo algum prejudica o progresso da nação. O que devemos apurar é qual das duas correntes é a melhor, por isso que tendo ambas a mesma nascente, os caminhos atravessados são differentes e ha terrenos venenosos.

Feito isto, é na melhor que devemos tomar banho. De resto mandemos á tabúa a tal responsabilidade da desharmonia!

*

Na entrega das credenciaes do ministro de Hespanha, os discursos trocados foram uma alta significação de amisade entre as nações da Peninsula.

Pena foi que o sr. Presidente da Republica não agradecesse em nome do povo portuguez a rapidez maravilhosa com que o governo hespanhol deu caça aos conspiradores.

Safa! Que andaram depressa...

*

A «Republica» convida todas as redacções dos jornaes provincianos que concordem com a politica do sr. Antonio José d'Almeida a estabelecerem a permuta dos seus com aquelle jornal.

A não ser que o sr. Almeida queira, de tempos a tempos, vender os jornaes a peso, de ver a redacção de «A Republica» possuir, dentro de poucos dias, um verdadeiro stock de folhas para satisfação de todas as necessidades... a acabar nas espirituaes.

Pois muito bom será que se governem mais a permuta e lavre lá uma parcellasinha na desharmonia do partido republicano sr. Almeida.

BONNE.

Henrique da Costa Gomes

Começam a desapparecêr os verdadeiros heróes. Este, que ha dias a eternidade levou nas suas azas negras, foi um dos mais ousados trabalhadores da obra grandiosa. Morreu, quando já encontrava materialisado o ideal por quem expoz a vida!

Será dos poucos nomes que nossos netos lerão embevecidos, na historia, articulando-lhe as syllabas n'um extasi de saudade! Será dos poucos que a foice do tempo não sacudirá dos annaes da patria, porque foi, acima de tudo, um portuguez que jogou a existencia pela emancipação do seu paiz!

Cumpre ao «Zé» tirar respeitosamente o seu barrete folião e dizer ante o cadaver do desventurado marinheiro:

Paz á sua alma!

Avé Deus da multidão

Como Sua Magestade o Imperador da Republica, o **Martyr** Antonio Zé, vae dar entrada no seu novo imperio **Socialista!...**

Viseira carregada

Os ultimos acontecimentos e as ultimas polemicas teem demonstrado bem á evidencia e não menos a pesar da grande massa dos republicanos de gemma, quanto de censuravel tem o procedimento da parte teimosa do partido, ou melhor dizendo da parte que entendeu monopolisar em suas mãos a direcção da Republica e do Paiz. Não podemos deixar de verberar esse procedimento, nada conforme com a lealdade, com o desprendimento e com a lisura politica que deviam ser o apanagio dos homens a quem o Povo entregou os seus destinos e que por isso mesmo lhe deviam dar exemplos do mais alto amor patriotico e desamor proprio ministrando-lhe assim aquella boa educação, de que tão farto o deixou effectivamente o extincto regimen.

E' tempo e tempo bastante das classes dirigentes se convencerem de que os exemplos de cima são aquelles que melhor mais intensamente e mais depressa fructificam, impondo-se por isso a necessidade urgente de implantar de vez as boas normas politicas.

E foi d'ellas que para muito longe se afastou já essa parte do partido, ou antes essas fracções partidarias constituindo-se em um blóco, cujos fins se parecem em extremo com os dos blócos que, em outros tempos se creavam na politica portugueza. Má norma, pessima norma, foi a adoptada, por mil razões e mais uma, que é o defeito da imitação d'aquillo que na monarchia tanto se censurou, com vista sobretudo, ao que se disse do ultimo blóco reaccionario.

E preciso é que se veja com olhos de ver a intenção malevola e egoista com que o blóco republicano foi creado. A pretenção de melindrar, de pôr de parte, de inutilisar uma massa de homens dos mais devotados á causa commum, é d'aquellas que bem merecem as mais acres censuras, tanto por representarem uma pessima acção e uma peior orientação, quanto por virem renovar os costumes exclusivistas, que para bem do paiz devem ser banidos, por irritantes, immoraes e prejudiciaes.

Por aqui ficamos, fazendo votos para que a ultima vez fosse aquella de que hoje tratamos, em que os politicos verdadeiramente merecedores d'este nome se hajam collocado mal com o Povo, com a boa politica e com os interesses da Republica e portanto de Portugal.

ARTHUR NEVES

♣

QUANDO?

Gracinhas ás cabaças, finalmente,
Acabou o motim tão furibundo
Da Republica, a Nação, a Lucta o Mundo,
O Seculo, o Paiz, e o Intrasigente!

Já pode descançar toda essa gente,
Que a discussão irada foi ao fundo!
Vão todos ao trabalho tão fecundo
Que ha-de salvar a patria de repente!

O «Mundo» declarou á gente irada,
Que não mais o hão-de ver a esbracejar
E a servir-se da setta envenenada.

Reina a paz, a harmonia está firmada!
Resta agora, meninos, perguntar:
— Quando é que nós teremos mais lambada?

VIU SE GREGO

Fitas batidas

O pobre carteiro que traz ás vezes a mala carregada de muita baboseira troupe-nos este lindo postal:

«Fique você sabendo, sua besta, que os militares que foram á redacção da «Capital» e a fizeram distribuir «gratuitamente» o fizeram por seu motuo proprio. Eu não sei quem você é (sou o Joaquim Neves...) senão em logar de bilhete postal, seriam dois murros bem puxados n'essa «tromba». E se me quer conhecer e vêr se eu sou capaz ou não de lhe esmurrar a cara, appareça com este postal na Brasileira. Leve-o na mão que eu lá estou com 20 olhos para o vêr. Agora é que você vae saber o que é a gente vêr-se grego, seu m... podre.

Um cadete.»

20 olhos para me vêr!

Não acham olhos de mais?

Não lhes parece que este cadetesinho enferma de fartura de olhos, e d'ahi, talvez porque vê muito, é que blasona de tezo, com toda aquella fartura de valentia?

Desgraçada patria que tem defensores de tal jaez!

Nós temos muita compaixão d'ella!

Parece que estão todos apostados a contrarial-a e a desprestigial-a.

Uns dizem-se seus filhos e seus amigos e adoptam uma politica que só a prejudica! Outros apregoam-se seus adoradores e poem-se a executar-lhe o hymno de tal forma que lhe desprestigiam a arte, sem pensar que attentando contra a sua arte attentam contra ella! Outros poem-se a de senhal a personificando-a na republica, mas n'umr republica horrivel, de formas sem esthetica, sem arte, sem doçura, com uns seios muito descahidos como se a republica fosse uma mulher fanada! Outros fazem lhe versos lyricos assassinando a sua poesia e escarnecendo das obras superiores dos seus poetas! Outros finalmente inculcam-se seus deffensores e vem para a rua distribuir jornaes!

Ai, pobresinha da patria que todos parecem desejosos de fazer pouco d'ella!

Porque, digam-nos uma coisa:

Para que é o exercito? E' para defender a patria? E o que é a patria, é a «Capital»?

Pois se ha um conflicto entre trabalhadores e patrões, conflicto que só entre elles deve ser resolvido, para que ha de o exercito sahir das suas atribuições e vir metter-se onde não é chamado, prejudicando os trabalhadores?

Pois não fazem estes parte integrante e principal da patria que a militança diz deffender?

O' senhores! Para que hão-de os cadètesinhos vis metter o nariz... nas questões dos mais?

Deixem-se de cantigas! Para cá não pega aquelle «truc» usado por alguns jornaes d'aquelles dias, dizendo que o movimento dos pobres vendedores, não deixando sahir os jornaes, prejudicavam a Republiica!

Prejudicavam mas era a elles! Prejudicavam mas era as suas conveniencias!

E se a prejudicavam, e se esses jornaes querem acima de tudo o bem da republica, que o mesmo é, inegavelmente, que querer o bem do povo, e portanto, das classes trabalhadoras, porque não abateram aquelle realsinho nos jornaes?

Porque não fizeram como o «Intransigente» e a «Nação» (a folha miguelista! a folha thalassa!) para que a gréve se solucionasse e os jornaes voltassem a girar para bem de todos e da patria, a que elles diziam fazer tanta falta falta!

Ora bolas!

Grande lição de desinteresse e abnegação patriotica deram os vendedores, resolvendo desistir da sua reclamação para não dar abalo á republica.

Grande ganancia a dos poderosos jornaes que não quizeram abater esse real embora o paiz estivesse soffrendo (como diziam) por estar sem jornaes!

Quanto á doutrina do bilhete temos conversado.

Tinha que vêr se eu para levar «dois murros bem puchados na «trombra» ainda os havia de ir procurar á Brasileira!

Nada d'isso! Quem me quizer partir a cara que appareça!

Demais eu não me escondo. O que escrevi vinha assignado como homem—Joaquim Neves, ao passo que o que este valente escreve nem esse desassombro tem. Vem assignado como automato—um cadete.

Depois aquella coisa de eu ter que apparecer na Brasileira com o postal na mão para que a «purria» me visse e me cahisse em cima, tem muita gracinha!

Appareça na Brazlleira!

Este diabo faz lembrar os petizes.

Se algum dia soffrermos os horrores d'uma guerra, elle pôr-se ha, cá de longe, a gritar ao inimigo:

—E' palerma! Se queres alguma coisa salta para a porta da minha mãe que o meu pae é policia!

Ora o magico!

*
* *

Na «interweiu» realisada pelo sr. Hermano Neves com o ministro da Justiça leem-se coisas pasmosas.

Calculem os leitores que d'essa «interweiu» sahiram declarações como estas:

«Devem de facto existir, entre os individuos presos, alguns que o tribunal em nome da justiça, terá de absolver. Comprehende-se bem: na atrapalhação do momento realisaram-se varias prisões por lapso. No meio de criminosos é natural que tenha vindo qualquer pacifico transeunte, absolutamente alheio ao caso. Imagine: ha dias, estando o ministerio em conselho, recebemos alguns telegrammas a respeito de um homem que fôra preso apenas porque ia a casa de um individuo sespeito de conspirador... Se isto é motivo sufficiente para uma prisão! Do Bussaco, por exemplo, vieram umas senhoras presas. Mandou-se perguntar para lá o motivo por que a tinham sido. Quer ver a resposta? Ninguem sabia o motivo!

«Dos fortes tambem foram soltos dois outros presos, em virtude de telegrammas enviados pelas autoridades que os tinham detido reconhecendo que houvera erro. Mm era de Castello Branco, o outro do Porto, se bem me recordo. Em summa: n'aquelle reboliço prenderam-se varias pessoas sem razão. Em algumas d'essas diligencias nem sequer chegou a haver má fé, mas apenas atrapalhação de momento, aliás facil de comprehender»

Meninos! Isto é de pôr em pé os cabellos a um careca!

E lembrar-se a gente que todos esses desgraçados—que o sr. João Chagas calcula n'um terço dos presos—sofreram vexames sem nome, alguns foram cuspidos, achincalhados, apupados e até aggredidos!

Lembra se a gente de que elles estão mettidos n'uma prisão, sobe o peso d'uma accusação tremenda, cobertos de vergonha, longe da familia, talvez por causa d'um «lapso» ou por motivo d'uma «atrapallação!»

Um homem preso por que ia a casa d'um individuo «suspeito» de conspirador!...

Umas senhoras presas sem se saber porquê!... E muitas mais pessoas detidas por «erro!...»

E' possivel—diz sua ex.ª—que no meio

dos criminosos venha algum pacifico transeunte, completamente alheio ao caso...

E' possivel, é. Mas a nós parece-nos impossivel!

Julgava-mos que esta coisa de prender a torto e a direito só se fazia nos outros tempos...

Ou não?

*

«Vocês» viram isto no «Mundo?» Não viram? Querem ver?

«A sessão preparatoria da Constituinte foi a 15 de junho, e é o dr. Eusebio Leão—o secretario do Directorio que depois, no Senado, se diz representante do grupo da «Luta»—que a abre, convidando para presidir aos trabalhos o sr. Braamcamp Freire e para secretarios o dr. Miranda do Valle, colaborador da «Luta,» e Carlos Callixto, redactor da «Luta».

....

Elegem-se logo as commissões de verificação de poderes, que são tres e teem como presidentes os srs. Jacinto Nunes, sôgro do director da «Luta;» João de Menezes, redactor da «Luta,» e José de Castro.»

Que tal? O colaborador da «Lucta, o redactor da «Lucta,» o sôgro... da «Lucta,» o compadre... da «Lucta,» etc.

E' tudo d'elles!

Regimen de compadrio! Politica de amigalhaços!

Parece que estamos na monarchia!

*

Diz «O Mundo» que o directorio fez eleger os deputados que entendeu.

Isto é que é uma gentinha, hein!

Quando, ao tempo, se dizia isso, elles desmentiam.

Diziam que era mentira. Agora são elles proprios a darem-no á dica.

E' a tal coisa: Ralham as comadres descobrem-se as verdades:

VIU-SE GREGO.

♣

Que belleza!...

As «Novidades», n'um artigo do sr. Rocha Martins, manifestam a possibilidade d'uma grève de inquilinos. Cuja gréve consistia em os inquilinos continuarem habitando as respectivas moradias... e não pagarem, depositando a importancia na Caixa Economica.

O' sr. Rocha Martins, isso não era gréve, era um paraiso! Casa á bórla! Só nos faltava comida, roupa lavada... e oito tostões!

♣

Encravação!

Cento e vinte mil réis, tôrpe quantia
Forjada n'um covil de perversões,
Cedida infamemente, nas tenções
De tapardes a bocca á artilharia!

Dissestes vós: «Encravam-se os canhões
E ahi teremos logo a monarchia!»
Mas ainda nenhum de vós sabia
Que o soldado não vive de traições!

Para que servem multiplas promessas,
Se os corações de todos os soldados
Não sabem praticar infamias d'essas?

Corja maldita, lobos dos povoados,
Vinheis co'a febre de encravar as peças
E afinal fostes vós os encravados!...

Agostinho Fortes

«O Ze,» velho admirador dos espiritos superiores que orgulham e ennobrecem a nossa querida Patria aos olhos do mundo scientifico, não po ia deixar, por occasião do seu anniversario natalicio, de consagrar o seu humilde preito á figura proeminente do grande homem de lettras que é Agostinho Fortes.

Um anno mais, a felicitar a sua vida em plena labutação, a sua vida cheia de gloria e de trabalhos soberbos a sua vida de intellectual portuguez, de soberbo litterato e de pedagôgo illustre.

E no emtanto, é um anno mais, um passo para a velhice, um anno a menos da sua amizade querida e dos seus trabalhos fecundos. Um anno que passa.

Salve, Gloria Patria!

Discipulo querido de Theophilo Braga! Salve!

MAESTRO FILIPE DUARTE

Autor da musica do Chico das Pêgas no Apolo

Da ponta da sua batuta saem notas da ponta da unha.

Musica para opereta, para revista, para operas comicas, para tudo, emfim, êle compõe com arte unica sem par.

Do tempo dos nossos avós até ôje êle tem vindo a encher de partituras os maiores sucessos teatraes.

Generoso e bom, sem ter D., tem o dom de compôr com a mesma facilidade uma valsa sentida, ou um coplêt saltitante de revista.

Nunca descompõe ninguem; só compõe.

No grande artista que é, só notamos uma coisa; que o seu nome seja Filipe Duarte, quando devia ser Filipe da Arte.

Umildemente aqui lhe deixamos a espresão do nosso sincero preito, consagrado mais uma vez, depois de termos saboreado a sua ultima produção.

F. DE T.

♣

Estante cá da casa

Cardos, versos de Eduardo Bramão d'Almeida.

Numa bella edição, recebemos d'este nosso amigo o livro de versos cujo titulo é «Cardos.» N'um anteloqueo o auctor diz-nos que os

Cardos são ervas das serranias,
Lixo dos montes, cousas sombrias.
Sendo os seus troncos muito espinhósos,
Não ha um ente que toque n'elles;

Se por acaso—o que não acreditamos—ninguem tocar nos vossos «Cardos», não creia que seja por elles serem espinhosos; não; são até suaves e melodiosos, cheios de belleza e harmonia; se não lhe pegarem... é porque o livro em Portugal, é e sempre foi muitissimo caro, embora o vosso custe 400 réis.

E diz mais:

Não servem para aquecer,
Nem servem para alumiar...

Ora essa! Mas servem para ler, para encher a alma com as scentelhas divinas com que o auctor os encheu.

Quem passsa esmaga-os, quebra-os pelo pé.

Não. Quem pássa, pára a ver a montra, lê o titulo, entra, compra, leva para casa, lê, e dá graças á Providencia por ter feito tão bella compra. E como é o primeiro desculpa algumas coisas, para incitar a outros... melhores.

Eis a nossa opinião.

♣

Casmurros como burro!

Por desacatarem a lei da separação foram catrafilados no norte, mais dois parochos.

Elle sempre ha servos do senhor muito teimosos!

O TLIM DAS DAMAS

Aqui teem no que descambou o ferrabraz da Republica. Attracção e mais attracção. Elle é bem mau!